

EDITORIAL

É, praticamente, unânime a constatação que vivemos em tempos onde o saber, a informação, o conhecimento são as principais fontes de desenvolvimento humano, progresso das nações e poder no mundo contemporâneo e naquele que a de vir.

Pesquisas demonstram que países deram saltos gigantescos em seu desenvolvimento humano e material devido a um investimento apropriado e intenso em educação. No entanto, por educação e conhecimento não se podem considerar, apenas, a escola, o universo acadêmico, a denominada educação formal. Como já reconhecia Carlos Rodrigues Brandão – em seu precioso livro *O que é Educação?* – a “educação está em todos os lugares e no ensino de todos os saberes”. Há muitos modos de se reproduzir os saberes numa sociedade. O famoso pedagogo brasileiro do século passado, Paulo Freire, encarava o conhecimento como algo a ser construído na coletividade, na comunidade, através de um movimento de ação-reflexão. Para ele não se poderia separar, como algo estanque: ação de reflexão, subjetivo de objetivo, homem do mundo, educador de educando. Não há predominância de um sobre o outro, mas uma relação dialética e dialógica, segundo Freire (cf. *Pedagogia do Oprimido*). As vivências e experiências da pessoa são aspectos constitutivos da educação, a qual parte, justamente, dessas vivências para proceder ao ensino, à instrução, a qual deverá ajudar na libertação, na transformação de vida da pessoa humana.

Ora, a Bíblia antecipou-se, em muito, a essa pedagogia construída por Paulo Freire. No sentido que, numa realidade dominada por culturas elitistas e maniqueístas, soube contribuir com uma visão da instrução e educação diferente de seu entorno cultural. Aliás, não é por acaso que a primeira e principal parte da Bíblia Hebraica vem denominada de *Torá*, que significa mais que “lei”, pois vem da raiz *yrh*, cuja significação é “ensinar”, “instruir”, “orientar na direção certa”. Essa “orientação” não é transmitida como um conjunto doutrinal destinado a uma classe social em especial, como ocorria na Grécia e na Roma antigas, mas a todo o povo, a todas as pessoas desejosas de aprender a bem-viver, a viver do modo correto para alcançar a felicidade autêntica e duradoura.

Outro diferencial importante da “instrução” – paideia – judaico/cristã é que ela não tem como escopo conduzir o ser humano ao sucesso social e material efêmeros, mas à vivência da justiça e do amor. E a justiça ultrapassa a lei, pois é fruto do desejo divino. O Deus de Israel, adotado, posteriormente, pelos cristãos, é um Deus interessado e imbricado na realidade humana; tudo aquilo que diz respeito ao ser humano, interessa também a Ele. A conduta humana deverá ser pautada por relações interpessoais de misericórdia e justiça, mais do que pelas práticas culturais. O caminho para Deus passa, necessariamente, pela vivência da justiça, pela defesa do direito e da misericórdia para com os oprimidos. Jesus Cristo, o profeta de Nazaré, se distinguirá pela defesa

do reinado de Deus neste mundo. Reinado, este, que se consolida no amor ao próximo, no testemunho de vida em favor dos pobres e desprotegidos.

Com esse objetivo, este número de *Estudos Bíblicos* busca percorrer o Antigo e o Novo Testamento buscando desvelar qual seria, afinal, essa “paideia” bíblica diferenciada e alternativa. Qual “instrução” é, de fato, possível extrair dos escritos judaicos e cristãos. Mas, os nossos articulistas não se restringem a isso, procuram dialogar com a cultura contemporânea, no sentido de buscar iluminação para os dramas vividos pelos seres humanos atualmente.

Abrimos este número com um artigo de Airton José da Silva, que mostra a reação de Israel ao processo de helenização, especialmente a partir do segundo século antes de Cristo, quando surge a apocalíptica judaica. Esse movimento, de cunho mais literário, é uma radicalização da escatologia já existente em Israel, com a finalidade de resistir à destruição da identidade e dos valores ético-religiosos do povo judeu. Como exemplo dessa reação, o autor analisa um texto apocalíptico do livro de Daniel, o mais antigo de todos eles, provavelmente: 2,1-49. Face ao imperialismo, a sobrevivência passa por uma convicção de que, nem a sabedoria nem o poder humano pode confrontar o Deus verdadeiro de Israel.

O segundo artigo, de Jaldemir Vitório, ressalta que a leitura e interpretação dos textos proféticos permitem traçar um roteiro de educação para uma vida ética, que é tão necessária nos dias de hoje. As exigências éticas, para os profetas, encontravam seu valor na referência a Deus, não em si mesmas. É o próprio Deus, com seu agir libertador, no êxodo, que toma partido do fraco e oprimido. A religião javista reconhece em Deus um propósito ético.

Gilvander Luís Moreira prossegue na senda da leitura dos profetas de Israel para convidar seus leitores a visitar algumas profecias bíblicas, especialmente das parteras egípcias, de Elias, Amós, Miqueias e de Jesus de Nazaré, na esperança de que elas possam iluminar suas consciências e aquecer seus corações para discernir o que é preciso fazer e como fazer para um maior compromisso com a causa dos pobres. Contemplando como agiram profetisas e profetas da Bíblia – numa atitude anticonformista e de crítica às causas das injustiças sociais –, uma orientação surgirá para a nossa missão na atualidade deste mundo que, ainda, é uma terra com tantos males.

Como a história é sempre dialética, nunca ocorre somente superação e negação do passado e das culturas contemporâneas, mas, também, integração, reaproveitamento e diálogo entre elas. Por isso, Jacir de Freitas Faria realiza uma volta às fontes dos ensinamentos judaicos e cristãos, e constata uma estreita relação entre ambos e o pensamento grego helenístico. O artigo busca entender a educação nas perspectivas grega, judaica e cristã ao longo dos séculos em que se estabeleceu a paideia grega helenística, sua cristianização e formação da cristandade helenizada, em textos bíblicos canônicos – aqueles considerados inspirados –, e os apócrifos, escritos concomitantes e imediatamente posteriores à paideia helenística.

Passando ao Novo Testamento, Johan Konings constata que a paideia grega era mais direcionada aos “cidadãos”, preparando-os para a vida na *pólis*. No entanto, mes-

mo na Grécia, percebeu-se a ligação que existe entre lei e sabedoria. A verdadeira sabedoria, para Israel, é uma vida segundo a vontade de Deus. Jesus, também, se mostrará como “caminho, verdade e vida”. Ele é a *halaká*, o modo de proceder que conduz a Deus. Jesus é a sabedoria e a pedagogia de Deus, referência última de nossa vida.

Em tempos pós-modernos, com crises econômicas, políticas, culturais e ecológicas, os cristãos são desafiados a manter viva sua identidade a partir do mistério de Cristo. Neuza Silveira de Souza e Maria de Lourdes Augusta procuram demonstrar que a proposta cristã é um caminho válido para a arte do bem-viver. Desejar a felicidade e evitar o sofrimento sempre foram aspirações humanas em todas as culturas. Aprender a arte de bem-viver com a Bíblia implica em aprender de Jesus e com Jesus, o amor íntegro e incondicional a Deus e ao próximo. Seguir Jesus é humanizar-se.

Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa pretende observar a pedagogia de Jesus em momentos decisivos da vida humana, quando o ser humano se sente abandonado e coberto de males. O foco recai sobre a questão da indiferença e do abandono. A autora coloca em paralelo as versões do escritor José Saramago, em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* e o cineasta Wim Wenders, com sua película *Alice nas Cidades* e a passagem do evangelho de Mateus sobre o grito de Jesus na cruz. O mundo de hoje, de diversos modos, sente o abandono de Deus. Conclui-se que um suposto abandono pode pender para o bem. No sofrimento é possível não ser patético, mas evitar a indiferença, olhar para o outro e caminhar junto. É o que demonstra, na prática, Jesus ao colocar-se no lugar dos seus semelhantes, experimentando, em sua vida e na cruz, a condição de toda a humanidade.

Fechando este número, Pascal Peuzé procura demonstrar, com exemplos de algumas parábolas presentes nos evangelhos sinóticos, que elas não servem como um simples relato extraído da vida cotidiana, cujo objetivo seria facilitar os ensinamentos de Jesus. Elas seriam interrogações propostas, causando estranheza, provocando o ouvinte-leitor a ir além do que elas narram. Elas não tanto explicam quanto questionam, não são para serem compreendidas, de pronto, mas permanecerem no íntimo, mexendo com as pessoas. É um apelo a serem interpretadas.

Aliás, a verdadeira e autêntica instrução – paideia – não oferece sempre respostas prontas, mas ensina a pensar, a refletir, a questionar, a ir em busca do saber necessário para se ter uma vida saudável e feliz.

Esperamos, com este número de *Estudos Bíblicos*, ter oferecido uma contribuição para o aprofundamento dessa temática tão cara ao mundo contemporâneo, como é a educação, demonstrando o quanto as Sagradas Escrituras podem oferecer à cultura hodierna.

Telmo José Amaral de Figueiredo

